

O CIBERESPAÇO COMO AMBIENTE DE INTERAÇÃO HIPERTEXTUAL

Tanisse Paes Bóvio Barcelos Cortes

Mestranda em Cognição e Linguagem – UENF

E-mail: tanisseboviorp@gmail.com

Ruana da Silva Maciel

Mestranda em Cognição e Linguagem – UENF

E-mail: ruanamcl@gmail.com

Milena Ferreira Hygino Nunes

Mestranda em Cognição e Linguagem – UENF

E-mail: milena.hygino@gmail.com

Carlos Henrique Medeiros de Souza

Doutor em Comunicação pela UFRJ. Professor e coordenador do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Cognição e Linguagem da UENF

E-mail: chmsouza@uenf.br

RESUMO

A proposta deste trabalho é fazer uma reflexão sobre o Ciberespaço para compreendê-lo como um ambiente de interação hipertextual, levando-se em consideração o “novo leitor-usuário” da Internet, com seus hábitos de leitura, dificuldades e/ou facilidades nesse meio. A partir desse contexto, percorrem-se definições fundamentais para considerar o Ciberespaço como espaço real/território, fazendo-se ponderações a respeito de termos como virtualização, hipertexto, territorialização e desterritorialização, entre outros.

Este artigo assume, ainda, o objetivo de contribuir com as discussões acadêmicas e sociais - inclusive sobre a cultura impressa *versus* a eletrônica -, em meio a tantas transformações no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: ciberespaço, hipertexto, virtualização.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to make a reflection on the Cyberspace in order to understand it as an hypertextual interaction environment, considering the "new Internet reader-user", with their reading habits, difficulties and eases in this place. From this context on, fundamental definitions are covered to consider the Cyberspace as real

place/territory for thinking over terms such as virtualization, hypertext, territorialization and desterritorialization, among others.

This article also intends to contribute to academic and social discussions - including the ones about the in print culture *versus* the eletronic one - in the midst of so many changes in the contemporary world.

Keywords: cyberspace, hypertext, virtualization.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A partir das novas tecnologias, o Ciberespaço vem sendo objeto de análise em diversas vertentes. Por isso, com o desenvolvimento do artigo, propõe-se analisar como ocorre a interação nesse novo ambiente – o Ciberespaço –, sob a hipótese da hipertextualidade. Nessa perspectiva, haverá a consideração de espaço/território, virtualização, Ciberespaço e hipertexto com suporte teórico para fundamentar a abordagem.

A pertinência da pesquisa compreende o entendimento de que a sociedade como organismo/sistema¹ está em constante retroalimentação/desenvolvimento e as análises dessas mudanças, desde as mais singelas até as aprofundadas, contribuem de certa forma para impulsionar e/ou tentar explicar essas transformações do mundo contemporâneo, enriquecendo as discussões acadêmicas e sociais.

Com o objetivo de entender melhor também o novo leitor do Ciberespaço e suas impressões sobre este ambiente de interação hipertextual, desenvolveu-se uma pesquisa com um grupo de estudantes universitários do curso de Jornalismo do Centro Universitário Fluminense – UNIFLU/FAFIC. Por meio das respostas dos questionários (Apêndice I), traçamos um perfil do novo leitor do Ciberespaço, analisando seus hábitos de leitura, preferências, etc. e o que as novas tecnologias potencializam e propiciam a esse leitor.

Para fundamentar a discussão, percorrem-se conceitos principais sobre território, espaço e ciber, tecendo ligações do espaço virtual como ambiente; virtualização e Ciberespaço, com esclarecimento do entendimento condizente ao termo virtual; hipertexto, para analisar a interação no Ciberespaço, abrindo discussão para a precedência do hipertexto antes das mídias eletrônicas.

¹ Herbert Spencer (filósofo inglês), no século XIX, parte da definição de sociedade como um organismo. Por analogia, destaca, então, processos de crescimento, expressos através de diferenciações estruturais e funcionais. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/biografias/herbert-spencer.jhtm>

ESPAÇO, TERRITÓRIO E O CIBER

Vários teóricos, ao longo da história, tentaram definir o termo espaço. Uma das primeiras tentativas foi a do filósofo Aristóteles que definiu o espaço como a inexistência do vazio, concebendo-o como lugar, ou seja, a posição de um corpo entre os outros corpos².

Dentre várias definições, a que mais se aproxima da abordagem que se propõe fazer é a de Alves (2005), na qual espaço “é produto das relações entre os homens e dos homens com a natureza, e ao mesmo tempo é fator que interfere nas mesmas relações que o constituíram. O espaço é, então, a materialização das relações existentes entre os homens na sociedade”.

Essa observação dos elementos do espaço valoriza ainda mais a ponderação do Ciberespaço como espaço. Souza e Costa (2006) elucidam que o Ciberespaço é um espaço, levando em consideração as suas características de ambiente que tem a capacidade de interferir na produção e reprodução da cultura e que, portanto, sendo espaço, é também lugar. Em discussões posteriores, esse assunto será aprofundado.

Segundo Haesbaert (2004, p.40) a definição de território é polissêmica. Apesar dos vários enfoques e abordagens que faz sobre o termo território, o autor sinaliza três vertentes básicas pelos aspectos: político – o território é definido por espaço delimitado e controlado, no qual se exerce um determinado poder, sobretudo o poder político do Estado; cultural – em que é visto como o produto da apropriação de um grupo em relação ao seu espaço (prioriza a dimensão simbólica/subjetiva, a relação de pertencimento, “identidade social sobre o espaço”); e econômico – enfatiza a “dimensão espacial das relações econômicas, o território como fonte de recursos e/ou incorporado no embate entre classes sociais e na relação capital-trabalho, como produto da divisão ‘territorial’ do trabalho, por exemplo”.

Para desenvolver a noção de território, utiliza-se também a definição de Lemos (2005) que estabelece a “ideia de controle sobre fronteiras que podem ser físicas, sociais, simbólicas, culturais, subjetivas” e que, portanto, todo espaço, seja ele físico ou simbólico, apropriado por forças políticas, econômicas, culturais ou subjetivas é caracterizado como território.

² Mais informações em: <http://www.filoinfo.bem-vindo.net/filosofia/modules/lexico/entry.php?entryID=660>. Acesso em: 18 set. 2011.

Com isso, pode-se considerar que o Ciberespaço constitui-se como um território, já que é tomado por regras, normas, etiquetas, crimes, uma cultura particular – a Cibercultura³. De acordo com o que exemplifica Poster (*apud* ROSA, 2001), ao comparar a Internet (Ciberespaço) com o território da Alemanha, nascer ou viver na Alemanha faz do indivíduo um alemão pelas influências deste lugar. O mesmo ocorre com o convívio na Internet, onde os “internautas”, no ambiente do Ciberespaço, convivem com as regras, normas, etiquetas, hábitos, costumes instaurados, e são constituídos pela cultura desse espaço⁴.

Nessa perspectiva, já se admite o Ciberespaço como um ambiente que caracteriza espaço real, território que assume ou é assumido por uma nova cultura, que antes da informatização não era conhecida. Começando a adentrar esse mundo virtual, sugere-se iniciar o entendimento pelo prefixo ciber.

O prefixo ciber vem do inglês *cyber*, originário da palavra grega *kubernáo*, que significa governar (a partir deste derivam termos como *gouvernail* - leme, governo, etc.). A palavra cibernética (*cybernetics*) surgiu, no meio científico e técnico, em 1939, quando Norbert Wiener utilizou o termo para intitular o seu livro: "Cibernética: Teoria geral do comando e da comunicação no animal e na máquina." (ZARTARIAN e NÖEL, 2002, p.8). Ainda segundo os autores, o termo passou a designar qualquer sistema mecânico que simule os comportamentos complexos dos seres vivos: robôs (ou ciborgues, como lhes chamaram certos autores de ficção científica), programas informáticos “inteligentes” capazes, por exemplo, de autoaprendizagem ou de adaptação, etc.

Nesse contexto, surgiu o termo Ciberespaço, de autoria do escritor de ficção científica William Gibson, em 1984, no livro “Neuromancer” e, posteriormente, acrescentaram-lhe uma série de termos derivados: ciber mundo, ciber sociedade, cibercultura, cibereconomia, cibercafé, ciberbulling, dentre outros.

Retoma-se, então, que a “raiz ciber faz referência a universos virtuais, que principiaram, obviamente, por serem concebidos pelo homem, mas que ultimamente são gerados por máquinas, evoluindo com ou sem interação com os humanos.” (ZARTARIAN e NÖEL, 2002, p.9).

Após a elucidação de termos que auxiliam na compreensão mais apurada do conceito de Ciberespaço, prossegue-se para o ambiente virtual.

³ Nova cultura que se produz no ciberespaço. (SOUZA e COSTA, 2006).

⁴ Exemplo também utilizado por Souza e Costa, 2005.

A VIRTUALIZAÇÃO E O CIBERESPAÇO

Lévy (1996, p.16) define que o virtual é como complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização.

Sendo assim, “o virtual não se opõe ao real, mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes”. E continua ponderando que “o real assemelha-se ao possível; em troca, o atual em nada se assemelha ao virtual: responde-lhe”. Pode-se concluir que é um processo cíclico como afirma o teórico: “A atualização ia de um problema a uma solução. A virtualização passa de uma solução dada a um (outro) problema.” (LÉVY, 1996, pp.15, 17, 18).

O teórico ressalta a diferença entre a realização (ocorrência de um estado pré-definido) e a atualização (invenção de uma solução exigida por um complexo problemático) e que o virtual é tomado como maneira de ser, mas a virtualização como dinâmica. Nesse recorte, chega-se ao entendimento de que a virtualização é um processo em que um acontecimento, um objeto ou uma entidade passa a estar em potencial, latente e será real, apesar de já existir, enquanto possibilidade, com a atualização – resolução do problema.

Segundo Pierre Lévy (1999, pp.53, 88) “o virtual não ‘substitui’ o ‘real’, ele multiplica as oportunidades para atualizá-lo”, é a releitura, a atualização de algo que existe concretamente. Por exemplo, quando se edita um texto fisicamente gravado no HD (*Hard Disk*) do computador, quem edita está sempre saindo do totalmente virtual para o físico para não perder as informações. E mesmo que não se tenha gravado o documento nessa memória virtual – HD – há a memória temporária, onde pode, com alguma sorte, ser recuperado o arquivo da inexistência concreta.

Nesse contexto, os lugares ainda existem, apenas se apresentam de forma atualizada, em ícones que muitas vezes mascaram até mesmo a existência de um lugar-origem que, nesse mundo virtual, pode ser um lugar-físico (*hardware*) ou um lugar-linguagem (*software*). Assume-se que o concreto ainda é condição fundamental da existência e da própria virtualização. Virtual por virtual, a realidade é sempre uma virtualização do que está gravado em nossos cérebros. O mesmo acontece quando se está no Ciberespaço - há um suporte físico que o sustenta, reforçando a concepção desse ambiente como espaço, lugar “real” (SOUZA e COSTA, 2006).

Há uma metamorfose da realidade “real”, que já existia, para a virtual. A grande mudança está na noção de espaço-tempo, não presença, velocidade/interatividade. A

partir da virtualização, não se pode mais dimensionar, mais propriamente no Ciberespaço, alguma coordenada espaço-temporal. “O virtual existe sem estar presente.” Vive-se em outro momento, no qual se encoraja um estilo de interação quase independente dos lugares geográficos (telecomunicação, telepresença) e da coincidência dos tempos (comunicação assíncrona). Apesar de não ser uma novidade absoluta, pois já se tinha de alguma forma uma comunicação contínua, recíproca e a distância com a escrita, a gravação de som e imagem, o rádio, a televisão, o telefone e a carta, a Internet potencializou de uma forma única a comunicação⁵.

O mundo virtual, sustentado pelos aparatos tecnológicos, possibilita a existência do Ciberespaço. Afinal, o Ciberespaço, como fundamentam os autores Souza e Costa (2005), é a virtualização, a atualização em um lugar, de dados registrados em outro lugar, interconectados por redes, e que, por suas características técnicas de programação, permite a mediação da comunicação entre os seres humanos e com a própria cultura por eles produzida, principalmente, se considerar que os dados que aparecem na tela do computador, em um site, por exemplo, podem estar hospedados em um lugar físico do outro lado do mundo.

As definições de Lévy (1999, pp. 44, 49, 92) acrescentam que o Ciberespaço é um espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores, sendo como um único computador em que não é possível traçar seus limites e definir seu contorno, pois é um computador cujo centro está em toda parte e a circunferência em lugar algum, um computador hipertextual, disperso, vivo, fervilhante, inacabado. Além disso, suas particularidades técnicas permitem que os membros de um grupo humano (que podem ser tantos quantos se quiser) se coordenem, cooperem, alimentem e consultem uma memória comum, e isto quase em tempo real, apesar da distribuição geográfica e da diferença de horários.

No entanto, pode-se afirmar que nem tudo que é virtual é Ciberespaço. Com o apoio de Rosa (2001) a consideração a se fazer é que existe diferença entre *off-line* e *on-line*. A primeira condição compreende as operações feitas com a máquina que está automatizada para responder mecanicamente aos comandos enviados – o que corresponde pela utilização operacional do computador pelo ser humano. Já a condição *on-line* pressupõe a relação, a sociabilidade, a interatividade, a existência de um lugar para se entrar e sair – neste caso está inserido o Ciberespaço.

⁵ LÉVY, 1999. pp.48, 49.

Outro ponto que deve ser esclarecido é a compreensão de Internet. A Internet⁶ pode ser entendida por dois enfoques diferentes: como recurso tecnológico que interliga computadores, sistema de comunicação (fios, cabos, fibra ótica, *wireless*) e como espaço, ambiente de comunicação/interação – Ciberespaço. Ressalta-se, ainda, que atualmente a Internet, a troca de informações está presente em diversos aparelhos. Antes o computador tinha um único formato conhecido. Agora, seus componentes informáticos (captadores, memórias, processadores, etc.) podem ser achados em outros “mecanismos”: cartões eletrônicos, distribuidores automáticos, robôs, aparelhos eletrodomésticos, scanner, fax, câmeras de vídeos, telefones, rádios, televisões, etc., ou seja, onde a informação digital seja automaticamente processada. (LÉVY, 1996, p.47).

O HIPERTEXTO E AS SUAS POTENCIALIDADES

Conforme classifica Lévy (1996, pp.37, 40) “um hipertexto é uma matriz de textos potenciais (...) que hierarquiza e seleciona áreas de sentido, tece ligações entre essas zonas, conecta o texto a outros documentos”, sendo constituído por nós (os elementos de informação, parágrafo, páginas, imagens, sequências musicais, etc.) e por *links* entre esses nós, referências, notas, ponteiros, “botões” indicando a passagem de um nó a outro (LÉVY, 1999, p.56).

Se ler consiste em selecionar, em esquematizar, em construir uma rede de remissões internas ao texto, em associar a outros dados, em integrar as palavras e as imagens a uma memória pessoal em reconstrução permanente, então os dispositivos hipertextuais constituem de fato uma espécie de objetivação, de exteriorização, de virtualização dos processos de leitura (LÉVY, 1996, p.43).

E também de desterritorialização, porque um texto, nas redes digitais, não tem fronteiras nítidas, não há fixidez. O hipertexto agrega estruturas acumulativas, agregativas e suplementares, sai do centro da informação para agregar sentido e atualizar. E esse “processo” de esclarecimento territorializa um significado.

Lévy (1996) considera o hipertexto tanto como objeto (notas de rodapé, *links*, som, imagem, infográficos, tabelas, etc.) quanto modo de leitura (leitura não-

⁶ Criada em 1970, constituía um grupo de computadores conectados entre si. Tim Berners-Lee, em 1989, com a criação da WWW – World Wide Web – deu um passo importante para facilitar a navegação com apenas um clique. A Internet só chegou no Brasil em 1993 (ALTMAN, 2004).

linear/salteada, *links* mnemônicos feitos através das associações do leitor, entre outros) e ressalta que o suporte digital o potencializou.

É muito importante refletir sobre essa consideração de Lévy: o hipertexto não é um dispositivo criado na era tecnológica, com o advento da Internet. Como explica Jean Clément (2003), ele existe desde quando se passou a considerar a intertextualidade, depois de um período de inspiração estruturalista (que considerava o texto como objeto fechado e portador da totalidade de seu sentido), ainda na era analógica, por meio de notas de rodapé, da memória, etc. Porque, num texto, há sempre conexão entre as partes, uma remissão a outro texto, ou seja, há sempre um hipertexto, explícito - por meio de *hiperlinks*, de referências - ou implícito. Mas deve-se admitir que o suporte digital otimiza o seu uso.

Germinante, ramificante, bifurcante, rizoma dinâmico que exprime um saber plural em construção, acolhendo a memória múltipla e multiplamente interpretada de um coletivo, permitindo navegações em sentidos transversais, o hipertexto só desdobra todas as suas qualidades quando imerso no ciberespaço (LÉVY, 1999, p.103).

Babo complementa:

Em ambiente hipertextual, a leitura deslineariza-se inevitavelmente porque se perde a sequência das páginas, porque se ativam muitas janelas, porque se esfuma a dimensão de totalidade física do livro e de totalidade de sentido da obra. A leitura deixa de ser um ato passivo para passar a ser um ato de decisão e como tal decisivo (BABO, 2004, p.109).

Nessa abordagem, o hipertexto digital é uma “coleção de informações multimodais disposta em rede para a navegação rápida e ‘intuitiva’” (ibid. p.44). Destaca-se o trecho:

O suporte digital permite novos tipos de leituras (e escritas) coletivas. Enfim, os leitores podem não apenas modificar as ligações, mas igualmente acrescentar ou modificar nós (textos, imagens, etc.), conectar um hiperdocumento a outro e fazer assim de dois hipertextos separados um único documento, ou traçar ligações hipertextuais entre uma série de documentos (LÉVY, 1996, pp. 43, 45, 46).

Sendo assim, o Ciberespaço pode perfeitamente ser associado ao hipertexto, por sua característica agregativa, interativa, no qual se pode interagir de uma maneira diferenciada, seguindo caminhos já determinados pelos *links*, que sugerem uma navegação orientada, ou criando novos *links*, perfazendo o caminho por suas escolhas, seus acréscimos à leitura que se faz. “Os hipertextos servem para interromper o fluxo de

leitura através de redes remissivas interligadas, os *links*, e para conduzir o leitor a um vertiginoso delírio de possibilidades” (VILLAÇA, 2002, p.107).

Além de conter vários hipertextos, o Ciberespaço pode ser caracterizado como um “mega” hipertexto, numa escala gigante. O ambiente torna disponível um dispositivo de comunicação original, pois ele permite que várias pessoas construam de forma progressiva e cooperativa um contexto comum. Por essa nova modalidade de interação em que as informações estão interligadas em remissões múltiplas, ‘nós’ em rede, concretiza-se o Ciberespaço como um espaço hipertextual.

A seguir, conheceremos um pouco do leitor que, no Ciberespaço, torna-se um *dândi*, um *flâneur*, que perambula, navega na leitura orientada hipertextualmente. “O leitor da leitura na Internet encarna o papel do detetive auditivo que lê as pistas do hipertexto, que segue as linhas e que estabelece uma ligação plausível entre os vários segmentos do texto” (VILLAÇA, 2002, p.109).

O NOVO LEITOR NO CIBERESPAÇO

A pesquisa de campo⁷, realizada com 37 alunos do 5º período do curso de Jornalismo do Centro Universitário Fluminense – UNIFLU/FAFIC, constituiu-se de 29 respondentes do sexo feminino e 8 do masculino, sendo mais da metade (19 alunos) com até 25 anos de idade. Os demais se dividiram entre 26 a 35 – 8 alunos, 36 a 45 – 6 alunos, e com mais de 45 anos – 4 alunos. Dentre todos, apenas 4 já possuem uma graduação.

É importante destacar a faixa etária predominante dos respondentes do questionário, porque não se pode ignorar a maior facilidade que os adolescentes e jovens têm em utilizar as ferramentas disponíveis no Ciberespaço. Essa condição favorável reflete nos resultados da pesquisa. Por exemplo: mais de 70% responderam não ter dificuldade em ler textos na Internet. Este e outros pontos serão abordados detalhadamente a seguir.

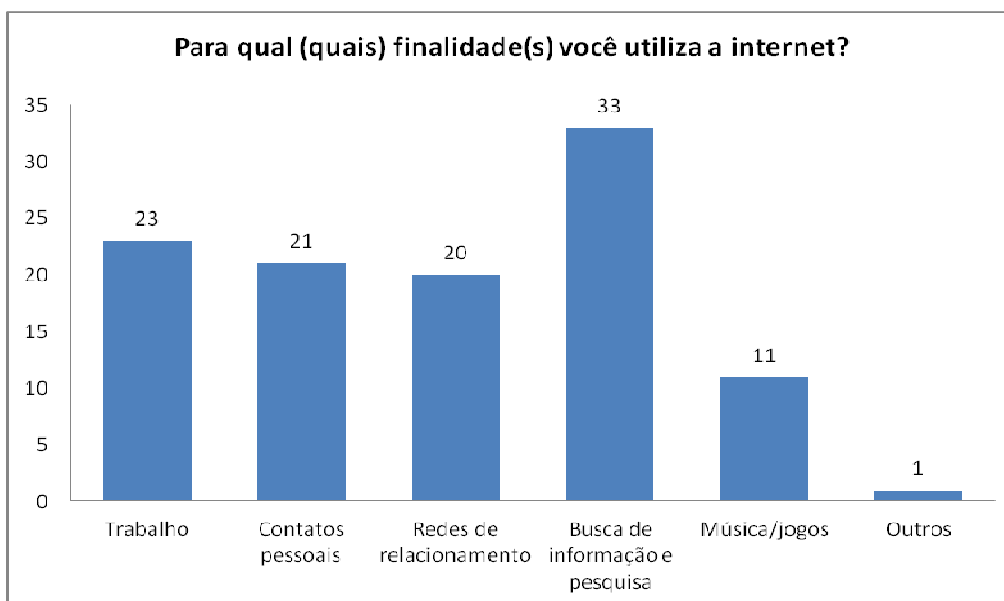
Em relação à frequência do uso da Internet, mais da metade (54,1%) responderam “todos os dias”, o que comprova a importância do Ciberespaço na vida dos respondentes, a maioria deles jovens – provavelmente por isso, tem-se esse índice. Se a

⁷ Como não foi possível, por falta de espaço, colocar todos os gráficos da pesquisa no artigo, apresentam-se todos os dados tabulados na tabela I (Apêndice II).

pesquisa fosse com um grupo de pessoas mais velhas, a Internet talvez não seria tão acessível assim.

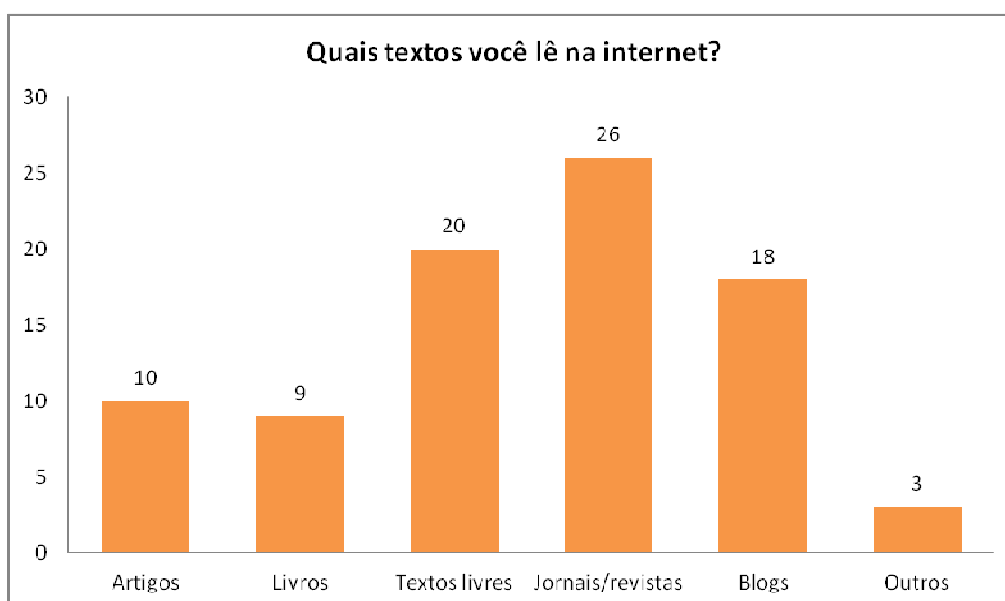
No Gráfico 1 (página posterior), quanto à finalidade da utilização da Internet, 89,2% (33 respondentes) disseram fazê-lo para buscar informação e pesquisa, opção previsível de um grupo majoritariamente de jovens universitários. Esse resultado confirma a citação de Zilberman, que afirma que, com a Internet, “barateiam-se os custos de acesso ao conhecimento e cultura, complementando-se o trabalho da escola, quando não fazendo às vezes desta” (ZILBERMAN, 2001, p.116). Em segundo lugar, com 62,2% (23 respondentes), ficou a opção “trabalho”. Em seguida, quase empatados, “contatos pessoais” e “redes de relacionamento”, com 21 e 20 respondentes, respectivamente. Vê-se, mais uma vez, uma característica típica do perfil jovem.

Gráfico 1: Sobre o uso da Internet. Referente à pergunta 2.1 do questionário (Apêndice I).



Outra parte do questionário foi dedicada aos hábitos de leitura dos pesquisados. Os resultados apresentam uma procura maior por textos rápidos, como “jornais e revistas” (70,3%), seguidos de “textos livres” (54,1%) e “blogs” (48,6%), como mostra o Gráfico 2.

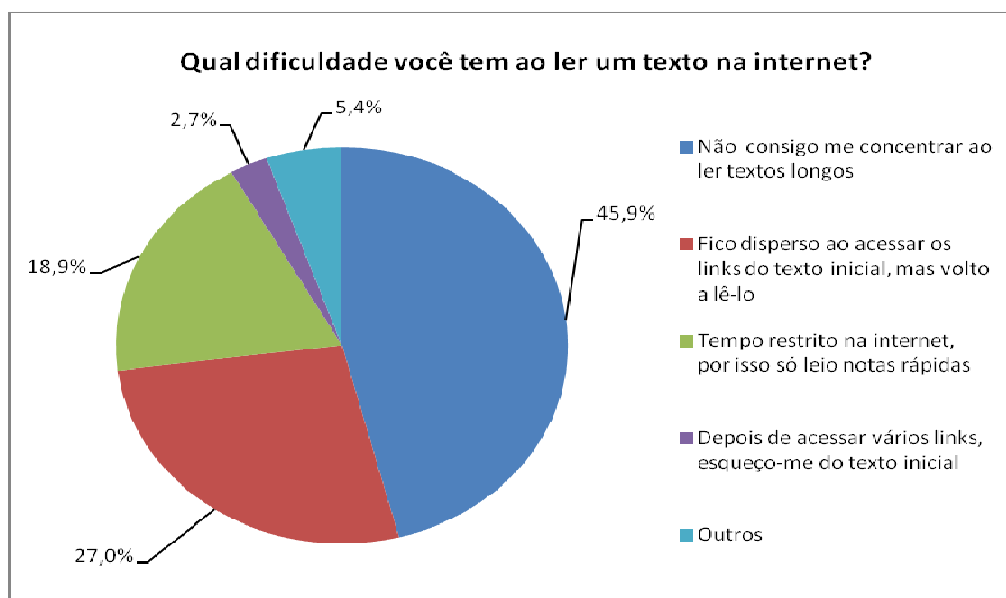
Gráfico 2: Sobre hábitos de leitura na Internet. Referente à pergunta 3.1 do questionário (Apêndice I).



Como informado anteriormente, 70,3%, ou seja, 26 dos 37 respondentes, disseram que não têm dificuldades em ler textos na Internet. É um número expressivo, que mostra a ambientação das pessoas com o Ciberespaço, mas que também é influenciado pela faixa etária dos respondentes, jovens, que geralmente têm maior facilidade de acesso à Internet, que, infelizmente, não é acessível a todos.

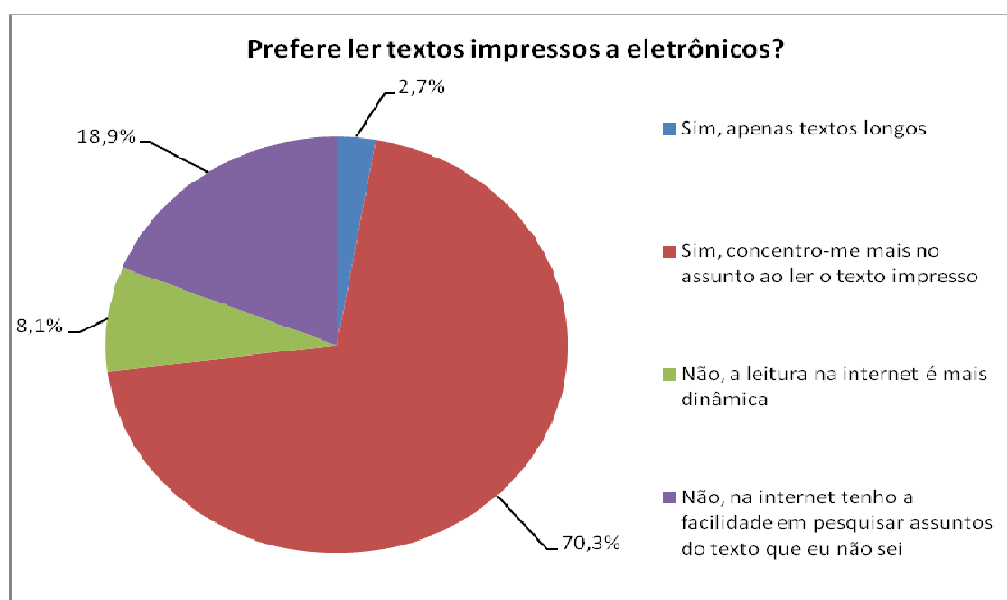
As dificuldades em ler textos na Internet são, principalmente, a de “concentração em ler textos longos” (45,9%), seguida da “dispersão ao acessar links do texto inicial” (27%). Ambas as opções, que juntas totalizam mais de 70% das dificuldades, são características de um ambiente hipertextual, como é o Ciberespaço. A concentração é difícil nesse meio justamente por haver muitos *links*, muitas opções de leitura, de entretenimento, enfim, de dispersão.

Gráfico 3: Sobre dificuldades de leitura na Internet. Referente à pergunta 3.3 do quest. (Apêndice I).



A última pergunta do questionário, sobre a preferência entre textos impressos e eletrônicos, comprova a grande dificuldade em lidar com um ambiente hipertextual. Assim, 70,3% (26) dos respondentes preferem textos impressos, por conseguirem se concentrar mais no assunto. Coincidentemente, é a mesma porcentagem dos que responderam que não têm dificuldade em ler texto na Internet. Esse possível paradoxo pode ser explicado como uma atitude imediatista dos respondentes em dizer que não têm dificuldades em ler textos na Internet, porque acreditam estar ambientados no Ciberespaço. Mas, ao final, acabam admitindo que preferem textos impressos, por uma dificuldade típica em um ambiente hipertextual: a concentração, por causa da dispersão que a Internet proporciona.

Gráfico 4: Sobre preferência de leitura. Referente à pergunta 3.4 do questionário (Apêndice I).



A partir destes dados pode-se confirmar que o leitor que passa por esse processo de mudança, em que há uma inserção cada vez maior no Ciberespaço, está ainda enraizado aos modelos “tradicionais” de fazer leitura, por meio do livro impresso. Não se pode negar que “a instantaneidade de exibição dos textos abre caminho para novas possibilidades” (CLÉMENT, 2004, p.34). Mas é preciso pensar que “a interatividade proporcionada pela tecnologia é uma das questões mais exploradas, o que supõe um leitor de nível privilegiado em termos de conhecimento e criatividade. O perigo é que, em se tratando de um infoleitor, as possibilidades do hipertexto se percam” (VILLAÇA, 2002, p.111).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o desdobramento de várias questões, pode-se considerar que o Ciberespaço é um ambiente de interação que constituiu um espaço/território real, sendo assumido como a atualização do nosso espaço. Esse novo ambiente, distinto por suas características particulares, exige um comportamento diferente, uma nova cultura, conhecida como cibercultura.

É importante lembrar que não se deve contrapor a cultura impressa da eletrônica, como algumas pessoas tentam fazer. Porque não haverá, ao menos por enquanto, a substituição de uma à de outra que se apóia nas ferramentas do Ciberespaço. Elas se coadunam: “o produto virtual depende do tradicional” (VILLAÇA, 2002, p.101).

Nessa abordagem, percorreram-se os conceitos de virtualização, assumindo que o virtual não ‘substitui’ o ‘real’, e sim multiplica as oportunidades para atualizá-lo. A diferenciação dos aspectos da Internet como recurso tecnológico e ambiente de interação trouxe a elucidação de que o Ciberespaço agrega uma nova fase para os componentes informáticos – a possibilidade de se conectar ao ambiente por diversos mecanismos (celular, televisão, eletrodomésticos, *palmtop*, *ipad*, etc.).

O Ciberespaço possibilita outras capacidades. Ao *cibernauta* é apresentada uma rede quase infinita de informações que podem ser utilizadas da maneira como preferir. Esse ambiente inventa uma nova interação, comunicação em tempo real, novas perspectivas de espaço-tempo (mutantes), velocidades qualitativamente novas, junção de várias mídias. É, de fato, um mundo vertiginoso de possibilidades, como bem define Villaça (2002).

REFERÊNCIAS

ALTMAN, Fábio (Org.). **A arte da entrevista**. São Paulo:Boitempo, 2004. pp. 454-459

ALVES, Glória da Anunciação. Cidade, Cotidiano e TV. In: CARLOS, A. F.(org.) A geografia na sala de aula. 1999. In: DUARTE, M. de B. (et all). **Reflexões sobre o espaço geográfico a partir da fenomenologia**. Revista eletrônica: Caminhos de Geografia, vol. 6, n.º 16. Artigo 17. pp. 190-196. Minas Gerais: Instituto de Geografia/UFU. 2005. Disponível em: www.caminhosdegeografia.ig.ufu.br/viewissue.php?id=43. Acesso em 17 set. 2011.

BABO, Maria Augusta Babo. O hipertexto como nova forma de escrita. In: SÜSSEKIND, Flora (org.). **Historiografia literária e as técnicas da escrita: do manuscrito ao hipertexto**. Rio de Janeiro: Vieira e Lent, 2004.

CLÉMENT, Jean. Do livro ao texto: as implicações intelectuais da edição eletrônica. In: SÜSSEKIND, Flora (org.). **Historiografia literária e as técnicas da escrita: do manuscrito ao hipertexto**. Rio de Janeiro: Vieira e Lent, 2004.

ESPAÇO. **Vocabulário da Filosofia**. Disponível em: www.filoinfo.bem-vindo.net/filosofia/modules/lexico/entry.php?entryID=660. Acesso em: 18 set. 2011.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. Disponível em: estelawilleman.multiply.com/journal/item/45/45. Acesso em 18 set. 2011.

LEMONS, A. **Ciberespaço e Tecnologias Móveis: Processos de Territorialização e Desterritorialização na Cibercultura**. 2005. (artigo) Disponível em: www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemons/territorio.pdf. Acesso em 31 jul. 2011.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **O que é o virtual?** Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

ROSA, Jorge Martins. **Cibercultura “em construção”**. In: Revista de Comunicação e Linguagens, n.º 28 – “Tendências da Cultura Contemporânea”, Lisboa: Relógio d'Água, 2001. pp. 319-332. Disponível em: www.dedalusjmmr.net/artigos/academicos/ciberconst.html. Acesso em 18 set. 2011.

SOUZA, Carlos Henrique Medeiros de. **Comunicação e Novas Tecnologias**. Rio de Janeiro: FAFIC, 2003.

SOUZA, Carlos Henrique Medeiros, COSTA, Marco Aurélio Borges. **Abordagens Antropológicas e sociais no (não) lugar**. In: Revista Espaço Acadêmico. n.º 62. julho/2006. Disponível em: www.espacoacademico.com.br/062/62souzacosta.htm. Acesso em 05 ago. 2011.

_____. **Fronteiras do Ciberespaço**. In: Revista Vértices. vol.7, n.º 1. Campos dos Goytacazes: Essentia, 2005. pp.105-114.

SOUZA, E. A., Pedon, N. R. **Território e Identidade**. In: Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção Três Lagoas – MS, vol.1, n.º 6, 2007. pp. 126-148.

SPENCER, Herbert. **Biografia. UOL Educação**. Disponível em: educacao.uol.com.br/biografias/herbert-spencer.jhtm. Acesso em: 10 set. 2011.

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO. **Normas para elaboração e apresentação de Trabalhos Acadêmicos** - Sistema de Bibliotecas “Jalmar Bowden” - Serviço de Referência - Baseado em normas vigentes da ABNT NBR 6023, 6027, 6028, 10520, 14724. 2002. Disponível em: www.metodista.br/biblioteca/abnt/abnt#referencias. Acesso em: 11.09.2011.

VILLAÇA, Nízia. **Impresso ou Eletrônico: Um trajeto de leitura**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

ZARTARIAN, Vahé; NÖEL, Emile; **Cibermundos, Que Futuro?**. Porto: Editora Ambar, 2002, p. 8, 9 – Disponível em: intermezzo-weblog.blogspot.com/2005/04/o-que-ciber.html. Acesso em 21 set. 11.

ZILBERMAN, Regina. **Fim do livro, fim dos leitores**. São Paulo: Senac, 2001.

SITES CONSULTADOS

tercud.ulusofona.pt/geoforum/Ficheiros/23GeoForum.pdf - Acesso em 17 set. 11.

www.planificacion.geoamerica.org/textos/haesbaert_multi.pdf- Acesso em 17 set. 11.

webcultura.com.br/web/?p=247 - Acesso em 18 set. 11.

www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/213/205 - Acesso em 18 set. 11.

www.edisonvaccari.pro.br/site/?p=ciberjus - Acesso em 18 set. 11.

aminhalindatase.blogspot.com/ - Acesso em 21 set. 11.

www.ebah.com.br/content/ABAAA0e8AA/reflexoes-sobre-geografia-a-partir-fenomenologia - Acesso em 21 set. 11.

APÊNDICE I

Questionário aplicado a um grupo de estudantes universitários do curso de Comunicação Social do Centro Universitário Fluminense para investigar o novo leitor no ambiente de Ciberespaço.

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF

Centro de Ciências do Homem – CCH

Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem – PPGCL

Campos dos Goytacazes, agosto de 2012.

Prezado(a) Aluno(a),

Este questionário faz parte da pesquisa sobre o Ciberespaço como ambiente de interação hipertextual, que tem o objetivo de investigar o leitor na Internet. Para tanto, solicitamos a sua colaboração com o preenchimento do questionário abaixo. Os dados do referido questionário serão utilizados como subsídio para o artigo intitulado “O Ciberespaço como Ambiente de Interação Hipertextual” desenvolvido no Programa de

Pós-Graduação em Cognição e Linguagem – CCH/UENF, a ser publicado no I Congresso Internacional Interdisciplinar em Ciências Sociais e Humanidades - CONINTER.

Sua colaboração é muito valiosa, uma vez que os resultados obtidos por meio deste estudo proporcionarão o entendimento do leitor na Internet. Vale ressaltar que as informações coletadas e tratadas serão consideradas confidenciais. Sendo assim, ao responder o presente questionário, você estará concordando com sua participação nesta pesquisa.

Desde já, agradecemos a atenção e colocamo-nos à disposição para demais esclarecimentos.

Tanisse Paes Bóvio Barcelos Cortes
Mestranda em Cognição e Linguagem – UENF
E-mail: tanisseboviorp@gmail.com

Ruana da Silva Maciel
Mestranda em Cognição e Linguagem – UENF
E-mail: ruanamcl@gmail.com

Milena Ferreira Hygino Nunes
Mestranda em Cognição e Linguagem – UENF
E-mail: milena.hygino@gmail.com

Prof. Carlos Henrique Medeiros de Souza
Doutor em Comunicação pela UFRJ. Professor e coordenador do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Cognição e Linguagem da UENF
E-mail: chmsouza@uenf.br <http://www.uenf.br/Uenf/Pages/CCH/Cognicao>

<http://www.uenf.br/Uenf/Pages/CCH/Cognicao>

Pesquisa realizada com recursos da FAPERJ.

Questionário

1 - Perfil do respondente

1.1 - Sexo:

- Masculino
- Feminino

1.2 - Faixa etária:

- 15 a 25 anos
- 26 a 35 anos

- 36 a 45 anos
- Acima de 45 anos

1.3 Possui outra graduação?

- Sim. Qual? _____
- Não

2 - Uso da Internet

2.1 - Para qual (quais) finalidade (s) você utiliza a Internet?

- Trabalho
- Contatos pessoais
- Redes de Relacionamento
- Busca de informação e pesquisa
- Música/jogos
- Outros: _____

2.2 - Quantas vezes por semana usa a Internet?

- Uma vez
- Duas vezes
- De três a quatro vezes
- De quatro a seis vezes
- Todos os dias

2.3 - Quantas horas por dia usa a Internet?

- De 1h a 2h
- De 2h a 4h
- De 4h a 6h
- De 6h a 8h
- Mais de 8h

3 - Hábitos de leitura

3.1 - Quais textos você lê na Internet?

- Artigos
- Livros
- Textos Livres
- Jornais/revistas
- Blogs

Outros: _____

3.2 - Para você os textos publicados na Internet apresentam dificuldades para leitura?

- Sim
 Não

3.3 - Das dificuldades abaixo, qual você tem ao ler um texto na Internet?

- Não consigo me concentrar ao ler textos longos.
 Fico disperso ao acessar os links do texto inicial, mas volto a lê-lo.
 Tempo restrito na Internet, por isso só leio notas rápidas.
 Depois de acessar vários links, esqueço-me do texto inicial.
 Outros: _____

3.4 - Prefere ler textos impressos a eletrônicos?

- Sim, apenas textos longos.
 Sim, me concentro mais no assunto ao ler o texto impresso.
 Não, a leitura na Internet é mais dinâmica.
 Não, na Internet tenho a facilidade em pesquisar assuntos do texto que eu não sei.

APÊNDICE II

Tabela I: Tabulação dos dados da pesquisa de campo

PERGUNTA / OPÇÃO	DADOS	
1- Perfil do Respondente		
1.1- SEXO:	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM
Masculino	8	21,6
Feminino	29	78,4
TOTAL	37	
1.2- FAIXA ETÁRIA:		
15 a 25 anos	19	51,4
26 a 35 anos	8	21,6
36 a 45 anos	6	16,2
Acima de 45 anos	4	10,8
TOTAL	37	
1.3- POSSUI OUTRA GRADUAÇÃO?		
Sim	4	10,8
Não	33	89,2
TOTAL	37	
2- Uso da Internet		

2.1- PARA QUAL(QUAIS) FINALIDADE(S) VOCÊ UTILIZA A INTERNET?		
Trabalho	23	62,2
Contatos pessoais	21	56,8
Redes de relacionamento	20	54,1
Busca de informação e pesquisa	33	89,2
Música/jogos	11	29,7
Outros	1	2,7
TOTAL	37	
2.2- QUANTAS VEZES POR SEMANA USA A INTERNET?		
Uma vez	5	13,5
Duas vezes	3	8,1
Três a quatro vezes	5	13,5
Quatro a seis vezes	4	10,8
Todos os dias	20	54,1
TOTAL	37	
2.3- QUANTAS HORAS POR DIA USA A INTERNET?		
De 1 a 2h	12	32,4
De 2 a 4h	12	32,4
De 4 a 6h	4	10,8
De 6 a 8h	4	10,8
Mais DE 8 H	5	13,5
TOTAL	37	
3- Hábitos de Leitura		
3.1- QUAIS TEXTOS VOCÊ LÊ NA INTERNET?		
Artigos	10	27,0
Livros	9	24,3
Textos livres	20	54,1
Jornais/revistas	26	70,3
Blogs	18	48,6
Outros	3	8,1
TOTAL	37	100
3.2- OS TEXTOS NA INTERNET APRESENTAM DIFICULDADES DE LEITURA?		
Sim	11	29,7
Não	26	70,3
TOTAL	37	
3.3- QUAL DIFICULDADE TEM AO LER UM TEXTO NA INTERNET?		
Não consigo me concentrar ao ler textos longos	17	45,9
Fico disperso ao acessar os links do texto inicial, mas volto a lê-lo	10	27,0
Tempo restrito na internet, por isso só leio notas rápidas	7	18,9
Depois de acessar vários links, esqueço-me do texto inicial	1	2,7
Outros	2	5,4

TOTAL	37	
3.4- PREFERE LER TEXTOS IMPRESSOS A ELETRÔNICOS?		
Sim, apenas textos longos	1	2,7
Sim, concentro-me mais no assunto ao ler o texto impresso	26	70,3
Não, a leitura na internet é mais dinâmica	3	8,1
Não, na internet tenho a facilidade em pesquisar assuntos do texto que eu não sei	7	18,9
TOTAL	37	